

CAP. III

Artigo cortado pela Censura  
e que será publicado em "O Trabalhador"

3 h/8

## A MISÉRIA — RESERVA INDUSTRIAL \*

Falando da situação do trabalhador industrial, dissemos, no nosso último artigo, até que ponto a economia o desumanizou. E fê-lo conscientemente.

O homem, segundo a filosofia cristã, tem um fim próprio a atingir. Tudo quanto existe na natureza foi posto pelo Criador ao seu serviço. A própria organização social, política e económica não tem outra razão de ser senão a de o servir.

Que fez, porém, a concepção racionalista do mundo? Criou o mito da riqueza e pô-la como finalidade suprema das actividades humanas. Os tratados de economia, a ambição dos governantes, a preocupação dos produtores nada mais viam para além da riqueza. Fim último a atingir, tudo devia submeter-se às suas leis universais. E, de facto, tudo se submeteu: a religião que se corrompeu; o Estado que se abastardou; a vida social que se desintegrou; o direito que se viciou; a moral que se quis transformada; a família que se desagregou; o homem que se desumanizou. Posta com efeito a riqueza no cimo da escala dos valores, tudo o mais deveria alterar-se e corromper-se.

Vejamos o fenómeno sob o ponto de vista do trabalho e da família.

\* Artigo do Dr. Abel Varzim cortado pela censura, portanto inédito.

Se o objectivo superior a atingir era a riqueza, e se esta só poderia ser criada pelo trabalho, é evidente que o trabalhador deveria ser considerado um mero *instrumento* da produção da riqueza, isto é, um *meio* de produção, como a ferramenta ou a força motriz.

O produtor (ou, como lhe chamam em economia, o empresário) para poder levar a efeito a sua tarefa «criadora» de riqueza, deveria poder dispor de meios de acção, à sua vontade. O trabalho deveria ser manejado, livremente, na medida das necessidades da produção.

Para o conseguir, era preciso colocá-lo, portanto, à disposição do empresário. Criou-se, para o efeito, a fábrica, ou melhor, o centro industrial. Os homens deveriam fixar-se à volta da fábrica para serem utilizados ou dispensados segundo os interesses da produção da riqueza. A esta submissão degradante não se submeteriam os trabalhadores enquanto a isso não fossem obrigados pela força. Como a escravatura já não estava na moda, depressa se arrancou ao trabalhador a sua independência económica. Uma vez reduzidos à única propriedade da força do trabalho, quer dizer, uma vez *proletarizados*, sem outros meios de subsistência, além do seu trabalho, a força que os havia

de compelir à nova espécie de escravatura funcionaria automaticamente: a fome. Compelidos pela necessidade, depois de despojados de tudo, não lhes restaria outro caminho senão o de ir ele próprio, submisso, procurar trabalho, colocar-se à disposição do empresário, fixar-se perto da fábrica, à espera de que as exigências da produção o chamassem a receber um salário em troca de trabalho. Assim se ergueram à volta das grandes cidades industriais, essas cinturas miseráveis, verdadeira reserva industrial posta ao serviço da riqueza e imolada aos seus caprichos. O empresário tinha aliás todo o interesse na existência dessas cidades de miséria. Davam-lhe, com efeito, a máxima elasticidade de movimentos, para poder recrutar, a bom preço e imediatamente, todo o trabalho necessário ao seu lucro, ou despedi-lo, com a mesma liberdade, sempre que se tornasse necessário ao bom «andamento» dos negócios. O capitalismo tem nestes antros de degradação humana o seu maior triunfo. Para que o operário se submeta, são absolutamente indispensáveis. Como especular com a necessidade de emprego e obter trabalho a baixo preço, sem a concorrência desta imensidade de trabalhadores esfomeados, sujos, desmoralizados e ignorantes? Sem essa reserva, digamos, melhor, sem esse *stock* de «mercadoria humana» que seria chamada ao mercado ou dele retirada, segundo os interesses dos empresários?

Numa economia capitalista, a grande miséria nunca desaparecerá, precisamente porque não convém ao capitalismo que desapareça. No dia em que todo o operário tivesse trabalho e recuperasse a sua independência económica, nesse dia teria terminado o império capitalista. E é por isso que são acoimadas de ilusórias as aspirações sociais cristãs, que reclamam a enérgica supressão da miséria e a independência económica de todos os trabalhadores. No fundo, a batalha é bem nítida. Ao proclamar o direito ao trabalho e a reforma da Assistência no sentido duma actuação social que liberte da miséria, e não apenas no sentido «paternalista» que a mantém... assistida; ao reclamar Serviço Social e não apenas Assistência por mais social que se diga, não é apenas os direitos do homem que defendemos. É combate mortal que desencadeamos contra o capitalismo.

Não admira que este resista e se obstine. Joga nisso a sua própria existência. Só é de lastimar que pessoas de mentalidade anti-capitalista não tenham podido ver a grandéza da batalha e se deixem facilmente conduzir pelos conceitos e costumes capitalistas, prolongando a vida a um regime social e económico há muito condenado pelos próprios textos constitucionais portugueses e pela consciência cristã. Mas o assunto merece mais largo estudo. Continuaremos.